

REGO, José Lins do. *Riacho doce*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1939. 372 p.

José Lins do Rego mantém sempre no seu último romance, todas aquelas altas qualidades e aquelas mesmas características tão vivas e originais, que fizeram dele uma das mais importantes figuras do romance americano atual. Sem ser porventura uma das suas obras mais individualmente destacáveis, *Riacho Doce* conserva o mesmo valor documental, a mesma significação crítica, a mesma força novelística e as mesmas belezas das outras obras do escritor. De resto, Lins do Rego é desse gênero de artistas cuja obra só adquire toda a sua significação em seu conjunto e, com pequenas variações de valor, muito dependentes dos gostos pessoais de quem lê, se conserva toda dentro da mesma grandeza normal. Há, com efeito, artistas, dotados como que de uma fatalidade genial que os obriga a encontrar assuntos inteiramente conformes às suas qualidades pessoais. Tal é o caso de um Dickens ou de um Proust, por exemplo. Mais numerosos porém são os que "vivem à procura de um assunto", do "seu" assunto, do assunto que valorize integralmente as qualidades que têm. Estes se apresentam cheios de altos e baixos, em obras de valor irregular, como é o caso de um Flaubert ou de um Aluísio de Azevedo. Lins do Rego me parece pertencer à classe dos primeiros. *Riacho Doce* não repete nenhuma das obras anteriores do seu autor, mas repete Lins do Rego em tudo quanto faz o romancista que ele é. O escritor de linguagem mais saborosa, colorida e nacional que nunca tivemos; o mais possante contador, o documentador mais profundo e essencial da civilização e da psique nordestina; o mais fecundo inventor de casos e de almas.

Será talvez preciso esclarecer um bocado o que entendo por "invenção" em literatura e como acho que devemos conceituar essa palavra, muito usada e levianamente usada. De Lins do Rego já se disse que tem pouca invenção e vive preso às reminiscências de sua vida nordestina. Ora, inventar não significa tirar do nada e nem muito menos se deverá decidir que uma das onze mil virgens tocando urucungo montada num canguru em plenos Andes escoceses é mais inventado que descrever reminiscências de infância. Aliás tudo em nós é de alguma forma reminiscência; e a invenção, a invenção justa e legítima não se prova pelo seu caráter exterior de ineditismo e sim pelo poder de escolha que, de todas as nossas lembranças e experiências sabe discernir nas mais essenciais, as mais ricas de caracterização e sugestividade. Nada mais banal que Lins do Rego, por exemplo, ter escolhido uma distinta senhora sueca pra uns amores alagoanos com um mestiço. Tratava-se de entrechar amores internacionais dos nossos fulgurantes mulatos. Ora descobrir, inventar uma Suécia era evidentemente facilímo, muito mais fácil que inventar a Rússia, hoje perigosa, ou a Alemanha, hoje desagradável. Realmente a Suécia de Lins do Rego, como tal, isto é, como Suécia, é uma fragilidade de invenção. E quanto mais raro o país, mais Iraque ou Cochinchina, mais fácil de inventar. Agora: quando o grande romancista escolhe e separa dentre as vidas de indivíduos nordestinos com quem privou, que apenas viu ou lhe contaram, os elementos que lhe deram o homem que criava o bode em *Pedra Bonita* ou o modestozinho Doutor Silva que se empobrece na esperança do petróleo nacional; quando escolhe e separa e soma coisas que viveu e coisas ouvidas e que outros viveram pra compor as suas memórias de *Menino de Engenho*; quando soma, separa, escolhe elementos psicológicos de um, dois ou mais indivíduos observados, pra compor o seu personagem Nô e a sua Edna; em todas estas escolhas previamente não-inventadas é que ele fez prova do seu enorme poder de invenção. Porque todas estas criações eram imprevisíveis. O Conselheiro Acácio, Babbitt sempre existiram. A grandeza inventiva dos romancistas escolhedores do Conselheiro Acácio e de Babbitt consistiu justamente em não pretender tirar do nada, mas antes tirar do tudo, do sabido de todos, do experimentado profundamente por todos: escolher de dentro de todos nós e do eterno da vida social, elementos-reminiscências normais a todos. Apenas nós ainda não lhe dáramos, a esses elementos, a verdadeira, a "criadora" atenção. Ainda não os inventáramos. Ainda não os escolhêramos, e por isso eles eram imprevisíveis. Todos os grandes romances, o *Quixote* como *Os noivos*, *David Copperfield* como *Madame Bovary* provam que a verdadeira invenção, a mais imprevisível e fecunda, consiste justamente em achar o mais fácil de achar. E desta invenção qualquer livro de Lins do Rego está cheio, tal a força humana, o vigor de caracterização, o sabor vitamínico dos seus personagens quase todos, em quase todos os seus atos.

Outro ponto que me parece muito importante na personalidade de Lins do Rego, característica evidenciada neste *Riacho Doce* com grande violência,

é o processo de análise psicológica que ele criou pra seu uso. Este processo, que consiste especialmente na repetição sistemática de certos dados, a meu ver afeta a própria mentalidade do novelista, como narrador. Pela sua originalidade e pelas conseqüências que vai tendo a sua imitação por alguns romancistas novos, o problema me parece de importância capital para a nossa qualidade literária de hoje.

Com os seus processos, as suas características, as suas qualidades admiráveis e cacoetes menos admiráveis, José Lins do Rego vai nos dando os seus romances. *Riacho Doce* incorpora-se com galhardia na série. A força, a "verdade" do seu entreccho empolgante, a riqueza dramática, a "necessidade" das psicologias individuais e coletivas que se chocam, o valor documental do ambiente, dão ao romance novo a mesma alta qualidade dos anteriores. Recentemente numa entrevista lastimável que terei de comentar mais largamente, Lins do Rego se insurgiu contra o valor "documento" que é atribuído aos seus romances. Tenho a impressão de que, momentaneamente, o romancista não refletiu bastante sobre o que significa arte como transposição da vida, nem sobre a largueza de conceito da palavra "documento". Está claro que Lins do Rego faz, antes de mais nada, arte, como ele mesmo proclamou. E da melhor arte. Assim sendo, os seus livros não são obras científicas de antropogeografia, tal como esta é concebida contemporaneamente, embora muitas vezes o romancista possa se servir, pra caracterizar seus ambientes, de fatos e figuras, às vezes até do documento mais estritamente iconográfico e científico. Por que o romancista chamou os seus personagens suecos de Edna ou Sigrid? Por que não fazer nascidas de pais suecos uma Araci ou Tanakaoca? É a tal e documentalíssima "cor local" que fez Lins do Rego nos dar uma Suécia cautelosa, sem grande interesse como Suécia, mas não menos plausível que o México de Aldous Huxley, que no entanto esteve no México. O romance não pode, como permanência do seu conceito, fugir à cor local, ao valor de qualquer forma documental. Porque, de todas as manifestações artísticas da ficção, é a que mais se aproxima, mais se utiliza necessariamente da inteligência consciente e lógica. Apenas, por ser arte, tem de ser, também necessariamente, uma transposição da vida, uma síntese nova da vida (e daí o seu valor crítico), por mais analítico que seja. Lawrence não poderia nunca fazer, dos seus personagens, tapuios amazônicos, está claro. E o romance, por mais arte que seja e desinteressado imediatamente, é sempre um valor crítico, um valor documental. E mesmo quando uma exclusiva análise de almas, como em Proust, ainda assim mesmo, ele persevera documental como síntese nova (e por isso transposição obrigatoriamente crítica) de uma sociedade situada dentro do tempo. Nem mesmo as psicologias sínteses, os "heróis" psicológicos de ordem crítica, destacáveis do tempo histórico, tais como um Otelo ou um Sancho, escapam a essa fatalidade documental de ordem eminentemente crítica, como documentos humanos que são.

Em *Riacho Doce* Lins do Rego nos dá a sua visão possante dos desequilíbrios sociais e dos dramas humanos individuais e coletivos, provocados pelo problema do petróleo em Alagoas. Tudo decorre deste trágico problema da nossa vida contemporânea. As marés sucessivas de entusiasmo, de desapego às tradições, provocadas pelo engodo da riqueza, e das desconfianças supersticiosas e cóleras nascidas das desilusões naquela mansa terra de pescadores, são descrições de psicologia coletiva das mais vivas e reais que o romancista já fez. A psicologia de Edna, a fraqueza supercivilizada do engenheiro sueco, a mãe Aninha que é a melhor análise de psicologia supersticiosa já feita pelo romancista, são todos seres de vida empolgante. De Nô se dirá a mesma coisa, talvez a figura de mestiço, ou melhor, talvez a figura popular mais delicada, mais impressionantemente exposta em todas as incongruências e males de sua condição, da nossa literatura. Não será mais humana, mais profunda que a do moleque Ricardo, mas é de uma delicadeza incomparável.

E páginas como a descrição dos primeiros tempos de Edna no *Riacho Doce* (que linguagem saborosa, que imagens, que mornidão acariciante de dizer! . . .) ou capítulos como o do estouro da mãe Aninha, em que a maldição é criada com uma intensidade trágica maravilhosa, são verdadeiramente passos geniais. A meu ver, momentos dos mais elevados da ficção americana.

MÁRIO DE ANDRADE

(Publicado num jornal de São Paulo, em
12 nov. 1939, foi incluído na obra
O empalhador de passarinho,
São Paulo, Martins, 1946, p. 119-122)